

LEONARDO MOTA NETO

Sarney

Uma lição de humildade

Nenhum ato de maior generosidade se esperava do Presidente da República que o de assumir integralmente a responsabilidade pela política econômica praticada por seu Governo, quando se sabe, pela crônica dos quatro ministros da Fazenda e de pelo menos dois do Planejamento, que o período da transição já teve, que os profissionais que ocupam tais cargos sempre levam ao chefe do Poder uma visão acabada, filtrada por tecnocratas, e mais tarde submetida aos "advogados do diabo" do Palácio do Planalto — entre os quais se encontram pessoas versadas em economia, como Ronaldo Costa Couto e Jorge Murad.

Com tantos crivos e filtros, a orientação da área econômica dificilmente é passível de erros, quanto à sua formulação teórica. As falhas começam a ocorrer na aplicação prática das decisões, como veio a acontecer na malfadada operação de importação de gêneros alimentícios, quando os técnicos do Governo traçaram um roteiro ideal, mas não se lembraram que os portos brasileiros foram dimensionados para exportar, e não importar. Daí o congestionamento do tráfego, a demora no abastecimento e a perda dos alimentos.

O presidente Sarney, porém, não se omite da responsabilidade de ter ordenado medidas, mesmo quando se sabe que, ao perceber que a adoção prática de muitas delas não chegaria a resultados efetivos, teve o bom-senso de abortar algumas em seu nascedouro. Comprando briga contra as equipes da Fazenda e Seplan, sobretudo nas eras Funaro e Bresser. Imputa-se a Sar-

ney, por conta disso, e injustamente, uma ação de "fritura" de seus ministros da área cão de seus auxiliares.

Ora, o próprio ministro é quem se desestabiliza ao adotar atitudes que não combinam com a fase de negociação política e a transparência. Outro fator de desequilíbrio é a síndrome das alturas, vivida por um espírito messiânico como o do sr. Funaro, um ministro honrado mas que constituiu uma equipe que preteriu de forma olímpica e preconceituosa o contato com a base política. Ir ao Congresso Nacional, expor suas políticas, soavalhe (como também ao ministro Bresser Pereira) uma concessão extrema.

Tendo incentivado o Plano Cruzado I, e depois sua recidiva, no Plano II, o presidente Sarney assume perante a Nação a responsabilidade que cabia a todos os tecnocratas e professores universitários que já passaram por sua área econômica. Humildemente, o Presidente passa uma borracha na incompetência de uma elite supostamente qualificada que, numa noite, na casa do Projeto Carajás, realizou uma reunião histórica na qual se supunha, pelo alto nível dos debates e propostas, que o Brasil estava a salvo.

Ao assumir falhas e acertos, o Presidente da República esquece tudo em nome da unidade na diversidade. Não foi o PMDB quem errou na área econômica, nem os ministros tecnocráticos. A transição nem aceita culpas formadas: ela própria é uma figura anômala no processo das instituições, somente viável quando se ençara com humildade o que a história mandou realizar.